Horizontes Históricos.

VESTÍGIOS DA PAIXÃO DE CRISTO: A LANÇA SAGRADA, UMA RELÍQUIA DE PRESTÍGIO

TRACES OF THE PASSION OF CHRIST: THE HOLY SPEAR, A PRESTIGIOUS RELIC

Renata Cristina de Sousa Nascimento[1]
Wemerson dos Santos Romualdo[2]

Resumo: Este artigo analisa a função das relíquias cristãs no Ocidente medieval, com ênfase na Primeira Cruzada (1096–1099), e na descoberta da chamada Lança Sagrada. Inicialmente, apresentamos os conceitos fundamentais acerca das relíquias, suas classificações, funções sociais, políticas e espirituais. Em seguida, centramos nossa análise na narrativa de Guiberto de Nogent sobre a Lança Sagrada encontrada em Antioquia, considerando sua ambivalência entre crítica racional e devoção religiosa. A abordagem procura demonstrar como esses objetos operavam simbolicamente como mediadores entre o humano e o divino, e como expressavam tensões internas da religiosidade cristã medieval. As relações entre homens e coisas, ou melhor, entre os sujeitos e os bens, são também produtoras de símbolos e de sentidos, que constroem o passado e a percepção que temos sobre ele. Os objetos não operam de forma independente, estão vinculados às intenções e ações de seus possuidores.

Palavras-chave: Relíquias; Primeira Cruzada; Lança Sagrada.

Abstract: This article analyzes the role of Christian relics in the medieval West, with an emphasis on the First Crusade (1096–1099) and the discovery of the so-called Holy Lance. We begin by presenting the fundamental concepts regarding relics—their classifications, and their social, political, and spiritual functions. We then focus our analysis on Guibert of Nogent's narrative about the Holy Lance found in Antioch, considering its ambivalence between rational critique and religious devotion. The approach seeks to demonstrate how these objects symbolically functioned as mediators between the human and the divine, and how they expressed internal tensions within medieval Christian religiosity. The relationships between people and things—or more precisely, between subjects and sacred goods—also produce symbols and meanings that shape both the past and our perception of it. Objects do not operate independently; they are bound to the intentions and actions of their possessors.

Keywords: Relics; First Crusade; Holy Lance.

PRIMEIRA CRUZADA: A LANÇA SAGRADA

[1] Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná. Coordenadora da RED DE INVESTIGACIÓN SOBRE ARTE E HISTORIA DE LAS RELIQUIAS CRISTIANAS IBÉRICAS. Professora da Universidade Federal de Jataí/ Universidade Estadual de Goiás/ Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Lattes http://lattes.cnpq.br/5151454949796711:. E-mail: renatacristinanasc@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9584-362X
[2] Mestrando em História, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Lattes: http://lattes.cnpq.br/5920425316796612. E-mail: wemerson0399@outlook.com. Orcid: https://orcid.org/0009-0003-9554-1132

No contexto das expedições a Jerusalém, como demonstra Riley Smith (2019, p. 119), os cruzados "começaram a reaparecer na Europa, levando consigo não riquezas, mas relíquias, as quais entregaram para igrejas locais", o que nos leva a interpretar o movimento das Cruzadas como responsável por grande parte da *inventio* e *translatio* desses objetos entre os séculos XI e XIII. Como consequência, surgiu em toda Cristandade Ocidental uma incontável quantidade de relíquias, entre elas várias que estavam de alguma maneira ligadas a realidade do sofrimento, do sacrifício cristão e do martírio. O aumento da relevância do tema da Paixão de Cristo, associado a uma intensificação do sentimento religioso, da busca por uma vivência mais íntima e emocional dos mistérios da fé, fez com que relíquias desse episódio surgissem em diversos locais.

Dentre essas relíquias cuja veneração está relacionada a descoberta durante a Primeira Cruzada, a Lança Sagrada se destaca por ter sua *inventio* retratada em crônicas e outras narrativas contemporâneas às expedições, como um sinal divino durante as batalhas na conquista de Antioquia e Jerusalém, e ainda, utilizada como um símbolo de legitimação da vontade divina em realizar a retomada da Terra Santa. Esta imagem da Lança Sagrada aparece em uma fonte medieval escrita por Guiberto de Nogent (1055-1125), um monge beneditino, que ao produzir a sua história da Primeira Cruzada, dedica parte de seu texto a descoberta desta relíquia, e, ao mesmo tempo que narra este achado produz uma crítica a sua veneração. Antes de chegarmos a esta fonte da passagem do século XI para o XII, é importante ressaltar que a Lança, assim como outras relíquias ligadas a Cristo, possui uma longa memória discursiva e representativa.

As narrativas escritas e iconográficas sobre esta relíquia em específico estão inseridas em tradições que se construíram desde os primeiros manuscritos bíblicos (canônicos e apócrifos), dos séculos I a III d.C., passando pelos primeiros textos eclesiásticos e representações artísticas entre os séculos V a VI d.C. e compilações textuais e outras representações nos séculos posteriores. As narrativas sobre a Paixão apresentadas nos *Evangelhos* canônicos de *Mateus*, *Marcos*, *Lucas* e *João* são as mais difundidas e representadas, contudo havendo versões ainda mais valiosas aos historiadores nos apócrifos, como o *Evangelho de Pilatos* (séc. III a V) e o *Evangelho de Bartolomeu* (séc. VII e IX). O relato de *João*, no capítulo 19, se difere das narrativas sinóticas e sua versão do momento do Calvário foi largamente retratada e representada nas expressões artísticas e litúrgicas. É a narrativa joanina que apresenta o episódio de um soldado que perfura as costelas de Jesus para atestar que ele estava morto (João 19:31-34).

De acordo com a tradição cristã, muito fundamentada no *Evangelho de Pilatos* e em fontes hagiográficas como a *Legenda Áurea* (séc. XIII), o nome do soldado era *Longinus* ou *Longino*, que devido ao sangue que jorrou do lado transpassado de Jesus Cristo, foi curado de problemas de visão, se convertendo ao cristianismo, foi proclamado santo, e passou a ser venerado como São Longuinho. Desde o século V algumas fontes escritas são base para a tradição de que a lança utilizada por *Longinus* foi preservada como uma importante relíquia em Jerusalém, e transladada para outros locais ao longo dos séculos. A primeira fonte a retratar a história desta relíquia, para

além dos textos canônicos, é um texto intitulado *Transitus Beatæ Virginis* produzido por volta de 495 d.C. (Peebles, 1911). Os textos *Expositio Psalmorum* de Cassiodoro (séc. VI), o *Itinerarium Antonini Placentini* (séc. VI), o *Breviarius de Hierosolyma* (séc. XII), são escritos subsequentes que também fazem menção à Lança. No cristianismo medieval, estas narrativas formam a base para diversas tradições construídas que identificaram simultaneamente cinco objetos que são venerados como sendo a mesma relíquia, em diferentes lugares, entre eles: Vaticano, Viena, Cracóvia, Esmirna e Vagharshapat.

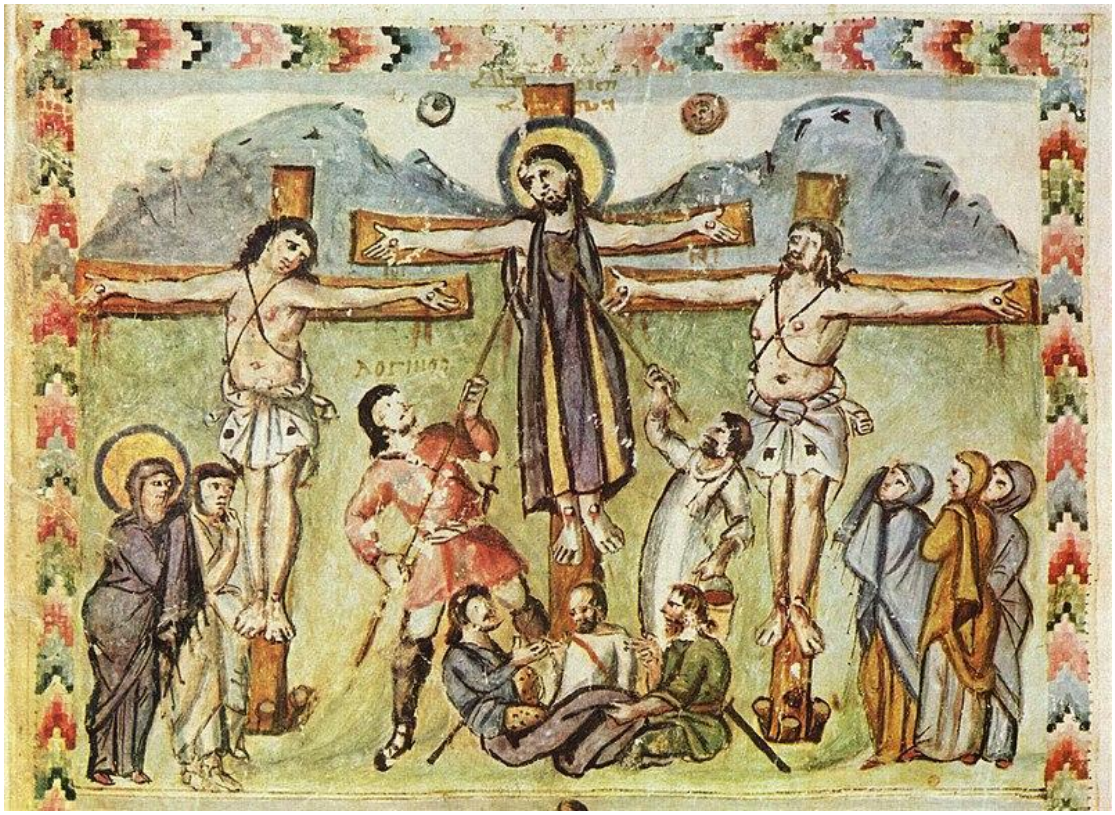
Na iconografia, a representação desta relíquia é um pouco mais tardia que as narrativas escritas. A mais antiga representação cristã deste episódio da Crucificação de Cristo que conhecemos, está preservada na porta de madeira da Basílica de Santa Sabina em Roma, que segundo estudos recentes pode ser datada do século V d.C. entre os pontificados de Celestino I e Sisto III (Foletti *et al.*, 2019) (Figura 1). Neste relevo em madeira, Jesus aparece crucificado ao centro, ladeado dos dois ladrões como nos relatos canônicos, no entanto, a figura de São Longuinho não está presente.

Figura 1 – Representação da Crucificação de Cristo, em painel de madeira de cipreste da porta principal da Basílica de Santa Sabina, Roma.

Fonte: ITALIAN SCHOOL. The crucifixion of Christ, tile from main entrance of cypress wood, Basilica of Santa Sabina, Rome, 5th century. Meisterdrucke.ie. Disponível em: https://www.meisterdrucke.ie/fine-art-prints/Italian-School/1101815. Acesso em: 21 jun. 2025.

Uma representação iconográfica mais tardia do século VI, presente em um manuscrito iluminado siríaco intitulado *Evangeliário de Rabula* (Figura 2), retrata a Crucificação com mais personagens, incluindo do lado direito do crucificado um homem de vestes vermelhas, cujo nome está indicado em grego *ΛΟΓΙΝΟC* (LONGINOUS) (Figura 3).

Figura 2 - Representação da Crucificação no Evangeliário de Rabula.



Fonte: Manuscrito produzido em 586 d.C., no Mosteiro de São João de Beth Zagba, Síria. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença, cód. Plut. I, 56, fol. 13r.

Figura 3 – Detalhe da representação da Crucificação no Evangeliário de Rabula, destacando o nome 'Longino'.

Fonte: Manuscrito produzido em 586 d.C., no Mosteiro de São João de Beth Zagba, Síria. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença, cód. Plut. I, 56, fol. 13r.

Gostaríamos ainda de destacar uma terceira iconografia, uma placa de bronze produzida provavelmente no século X na Irlanda, a qual retrata o Cristo crucificado, ladeado por Estevão com

a esponja de vinagre (à direita) e Longuinho com a lança (à esquerda), com dois anjos à direita e à esquerda.

Figura 4 - Placa de Crucificação de Clonmacnoise.

Fonte: CELTIC SCHOOL. Crucifixion plaque, Clonmacnoise, County Offaly, Viking Age [imagem]. Meisterdrucke.us. Disponível em: https://www.meisterdrucke.us/fine-art-prints/Celtic/273503/Crucifixion-plaque%2C-Clonmacnoise%2C-County-Offaly%2C-Viking-Age.html. Acesso em: 21 jun. 2025.

A partir de algumas fontes narrativas e iconográficas, apresentadas aqui de maneira suscinta, é possível perceber que a figura de *Longinus* e da Lança Sagrada estão profundamente interligadas, o desenvolvimento do culto a este santo e veneração a relíquia têm sua própria história dentro da tradição cristã. A diversidade de tradições e a multiplicidade dos objetos referenciados ao mesmo símbolo, torna ainda mais instigante a pesquisa a seu respeito. No século XII, se tomarmos como referência o texto *Dei gesta per francos* de Guiberto de Nogent, a figura da Lança Sagrada já era conhecida, mas por algum motivo havia sido escondida, ou simplesmente havia caído no esquecimento.

A leitura da fonte pode nos indicar que o ocidente medieval, ou pelo menos este monge e sua comunidade, não tinham conhecimento da existência de uma relíquia da Lança Sagrada, sendo venerada em algum lugar dos domínios do cristianismo latino. Por sua vez, esta hipótese nos leva a pensar que se os textos pretéritos, que mencionavam esta relíquia, eram de conhecimento de parte dos cronistas dos séculos XI e XII; supondo que a veneração a São Longuinho não necessariamente conduzia a uma veneração a este objeto específico; Posteriormente a notícia da *inventio* se tornou popular durante a Primeira Cruzada, fazendo com que diversas comunidades

reclamassem para si a autenticidade deste memorável objeto. Essas e outras questões demonstram a complexidade da temática das relíquias, sua profunda relação com os textos hagiográficos, e suas lacunas.

Há seis fontes latinas da Primeira Cruzada que introduzem em sua narrativa a *inventio* da Lança Sagrada: o texto anônimo da *Gesta Francorum et aliorum Hierosolimitanorum* (c. 1101), a *Historia Francorum qui ceperunt Jerusalem* (c. 1105) de Raimundo de Saint-Gilles, a *Historia Hierosolymitana* (c. 1101) de Fulquério de Chartres, a *Historiae Hierosolymitanae Libri IV* (c. 1107) de Baldric de Dol, *Dei Gesta per Francos* (c. 1108–1109) de Guiberto de Nogent e a *Historia Iherosolimitana* (c. 1107–1120) de Roberto o Monge. Todas, de alguma maneira, baseadas do relato mais antigo da *Gesta Francorum*, realizando revisões e acréscimos. Escolhemos o texto de Guiberto por três motivos; o primeiro deles pela familiaridade com o autor e seus escritos, em pesquisas realizadas anteriormente, em segundo lugar porque este monge além de relatar a descoberta da Lança, narra os conflitos ao redor de sua autenticidade, tratando dos aspectos simbólicos do objeto e sua interpretação como um sinal da intervenção divina na Cruzada; em terceiro lugar, Guiberto Nogent possui um outro texto intitulado *De pigneribus sanctorum* (c. 1115-1119), em que ao discutir uma outra relíquia (o dente de leite de Jesus em Saint-Médard), acaba escrevendo um tratado teológico a respeito dos objetos sagrados.

Em ambos os textos, Guiberto de Nogent apresenta uma atitude crítica em relação às relíquias, discute o culto e sua proliferação, sua autenticidade, a simonia e as vezes assume uma postura irônica para demonstrar os excessos deste culto em seu contexto. Para os fiéis estes objetos eram símbolos da santidade, confirmação da ação divina na vida das pessoas consideradas santas, sinais de legitimação política, sendo aquelas atribuídas à vida de Cristo as de maior prestígio (Nascimento, 2019a).

Os escritos de Guiberto de Nogent nos permitem estabelecer duas etimologias para o termo *relíquia*. A primeira, derivada do termo latino *reliquae*, ao qual é atribuído o significado de *aquilo que restou, sobra/resto*, isto é o que pôr primeiro caracteriza uma relíquia, um resto sagrado de alguém sagrado ou alguma coisa ligada a esta pessoa. A segunda está relacionada à crítica de Guiberto, em *Dei Gesta per Francos*, na narrativa da morte do profeta islâmico, o autor se refere aos calcanhares de Maomé como *reliquae* (Guiberto de Nogent, *Dei Gesta per Francos*, I, IV), dizendo que o que restou de seu corpo foram apenas algumas partes: seus calcanhares. Contudo, em *De pigneribus sanctorum* Guiberto se utiliza do termo *pigneribus* que pode significar *penhor*, *prova*, *sinal*, ao verbo latino *pigneror* é atribuído o significado de *receber como garantia*, sendo assim, em sua concepção uma relíquia considerada autêntica é aquela que é um sinal divino, uma garantia da santidade, uma legitimação da vontade divina.

Duas coisas são resultantes da expansão do culto às relíquias neste contexto, a primeira delas, sobre a qual já falamos "a fragmentação ilimitada das relíquias e sua *translatio* de um extremo ao outro do Império contribuíram para a propagação do cristianismo e a unidade da experiência

cristã coletiva. Os abusos, as fraudes, as rivalidades eclesiásticas e políticas, é certo, aumentaram com o passar do tempo" (Eliade, 2011, p. 61). A segunda é a presença cada vez maior do culto aos santos e suas relíquias nos escritos medievais a partir do século XI, esse movimento tem em grande parte defensores, mas também aqueles que o criticavam e eram associados pelo primeiro grupo como hereges (Dallali, 2010). Guiberto de Nogent permanece no meio destes dois grupos, veremos que este autor não nega o culto às relíquias e nem se demonstra cético a seu culto, mas, estabelece que há relíquias verdadeiras e falsas, se dedicando a criticar o abuso deste culto.

Antes de apresentar a narrativa do achado da Lança Sagrada, Guiberto nota que a cidade de Constantinopla era um berço de relíquias. O imperador Aleixo I Comneno (1048-1118) afirmava possuir em sua residência a cabeça de São João Batista, contendo ainda pele e cabelo, tendo assim a aparência de uma cabeça viva. O abade de Nogent, afirma que esta relíquia era falsa (Guiberto de Nogent, *Dei Gesta per Francos*, I, V) e que estas falsificações e abusos eram resultados da maldade, de não permitirem que os santos pudessem permanecer em seu descanso eterno (*Ibidem*, I, V).

De acordo com capítulo IV do Livro V, os cristãos se encontravam desencorajados diante dos muros da cidade de Antioquia realizando o cerco que já se estendia por alguns meses. De acordo com Guiberto, neste momento Santo André apareceu diante de Pedro Bartolomeu, e lhe revelou a localização da Lança Sagrada:

> Antes que a cidade de Antioquia fosse conquistada pelos cristãos, a figura de Santo André, o apóstolo, apareceu diante de um homem do exército chamado Pedro e lhe disse: "O que você está fazendo?" Pedro ficou espantado, não respondeu à pergunta e questionou quem estava em sua frente. A figura não lhe escondeu que era o apóstolo André e disse: "Tenha conhecimento, meu filho, que quando Deus abrir as portas da cidade aos virtuosos Francos e eles entrarem, você deve ir à Igreja de São Pedro, meu irmão e apóstolo como eu, neste local encontrará a Lança, que transpassou o lado do nosso Salvador Jesus Cristo, como foi escrito [tradução nossa].
>
> *Antequam quoque Antiochena civitas caperetur, cuidam de exercitu, Petro nomine, beati Andreae apostoli species apparuit, dicens: 'Quid tecum agitur?' Cui ille stupidus non ad interrogata respondit, sed, quis esset, quaesivit. Ille Andream apostolum se esse non tacuit. 'Noverisque, ait, fili, quia cum urbem, Deo aperiente, Francorum virtus intraverit, ad beati Petri coapostoli mei ac fratris Ecclesiam ibis, ibique tali in loco lanceam, qua Salvatoris nostri Jesu Christi perforatum legitur latus, invenire poteris'* (Guiberto de Nogent, Dei Gesta per Francos, V, IV).

Inicialmente, Pedro não acreditou muito em sua visão e pensou que fosse um simples sonho não dizendo a ninguém o que havia acontecido. Santo André apareceu-lhe uma segunda vez, para dar a Pedro uma prova com que pudesse convencer as pessoas, e o levou em espírito para o lugar onde a Lança estava escondida (*Ibidem*, V, IV). Tendo os cristãos conquistado a cidade, Pedro e alguns homens se dirigiram até a Igreja de São Pedro (sede do patriarcado de Antioquia), trabalhando por horas para escavar o lugar indicado por Santo André. Ao encontrar a Lança, Pedro anunciou a todos, que receberam o objeto com muita cerimônia. O milagroso achado foi interpretado

como um sinal divino, e os cruzados retomaram sua coragem e confiança para continuarem a guerra (*Ibidem*, VI, I).

Ademar, bispo de Le Puy e legado papal acompanhava a expedição e na batalha contra os turcos levou a Lança consigo para batalha, como sinal do auxílio divino (*Ibidem*, VI, II). Após a morte do bispo de Le Puy, que foi enterrado no mesmo lugar em que encontraram o objeto, algumas pessoas começaram a duvidar e questionar a veracidade da Lança exigindo de Pedro Bartolomeu uma prova da veracidade da relíquia

> Este homem foi obrigado a testemunhar diante daqueles que duvidavam, foi obrigado a aceitar as condições impostas, com a finalidade de esclarecer aos incrédulos. A pedido destes homens, duas piras foram erguidas, separadas entre si por um côvado; a multidão estava ávida pelo que aconteceria e empilharam grande quantidade de lenha, grandes chamas se estendiam de todos os lados. O pobre Pedro elevou uma oração de lamento ao Deus misericordioso, que é a própria Verdade, dizendo que o Senhor sabia que ele jamais agiu com invenções [excessos] e contra a vontade divina sobre a Lança. Velozmente, Pedro correu em meio aquele corredor tenebroso que atravessava as grandes chamas e retornou pelo mesmo caminho [tradução nossa].
>
> *Compellitur ut dubiis vir ille fidem reddat; quae extorquentur ab ipso, cogitur, solius eorum causa curandae infidelitatis, ut subeat. Ipso igitur imperante, rogi duo vix cubiti brevissimi spatio a se distantes instruuntur, multae a populis, rerum novarum cupidis, materiei strues ingeritur, ac utrarumque partium flamine confluentibus globis, inter ardentia ligna semita admodum angusta relinquitur. Deum ergo, qui veritas est, et praeter cujus nutum super hac re nil se egisse cognoscit, misericordem, miserabili, ut par erat, oratione compellat, et per opacum pyrae furentis tramitem tota vivacitate praetervolat, et per hunc ipsum callem mox rediit quo venerat* (Guiberto de Nogent, *Dei Gesta per Francos*, VI, VIII).

Segundo a narrativa, quando os presentes viram que Pedro saíra ileso das chamas, a multidão ficou estarrecida e interpretou a prova de fogo como um sinal divino e de sua santidade, todos correram em sua direção e quiseram guardar algo de suas roupas, ou de seu corpo como relíquias. Puxaram Pedro de todos os lados, pelo impulso da obtenção de relíquias as pessoas esquartejaram-no e assim o mataram (*Ibidem*, VI, VIII). Após esse episódio, algumas pessoas voltaram a duvidar da veracidade da Lança, afinal Pedro havia morrido, e a Lança não o protegeu da morte, apenas do fogo. Neste ponto Guiberto diz que apesar das opiniões contrárias, Ademar de Le Puy ter recebido a Lança com veneração e ter sido enterrado no local de seu achado, bastava como sinal da veracidade de tal objeto (*Ibidem*, VI, VIII).

Em outro momento do texto, no Livro VIII, Guiberto diz que Fulquério de Chartres nega a *inventio* da Lança da Sagrada, afirmando que Pedro Bartolomeu saiu completamente queimado da prova de fogo, comprovando sua falsidade. O abade de Nogent discorda da posição de Fulquério, afirmando que os testemunhos contemporâneos (provavelmente se referindo aos cruzados que retornaram do Oriente), dizem que a Lança era verdadeiramente uma relíquia de Jesus, e que textos antigos que relatavam visitas aos lugares santos, descrevem que as pessoas que passavam por Antioquia antes do domínio muçulmano, veneravam a Lança. Guiberto critica Fulquério, afirmando que enquanto os cruzados morriam de fome no cerco de Antioquia, ele se esbaldava com banquetes

na cidade de Edessa e acrescenta que o senhor da cidade, Balduíno reconhecera a veracidade da Lança (Guiberto de Nogent, *Dei Gesta per Francos*, VIII, X).

Em seguida, Guiberto descreve outro episódio que, para ele, poderia ser tomado como prova da veracidade da relíquia. Ademar de Le Puy toma a Lança ao marchar em uma guerra em Antioquia, quando os inimigos

> [...] deram a ordem de incendiar a floresta [campo de batalha] , o bispo ao ver a espessa fumaça que vinha na direção das fileiras dos francos, que estavam ansiosos para lutar, cobriam seus rostos e atrapalhavam a visão, brandiu a lança sagrada com uma mão, com muita piedade traçou com a outra o sinal da cruz sob as nuvens de fumaça, implorando, em meio a profundo pranto, pelo auxilio do onipotente [todo poderoso] Jesus, que atendeu com piedade, e fez retornar rapidamente as nuvens negras de fumaça sobre os inimigos que as causaram [tradução nossa].
>
> *Sicne spectabilis Podiensis ille episcopus desipuisse putabitur, ut uncerti nominis lanceam sub tanta reverentia ferret, dum adversus Curbaran congressurus egreditur? Ibi certe finding quiddam memorabile factum, quod scilicet, dum Curbaran idem herbae ignem jussisset subjici, praesulque idem Francorum ad bella properantium conspiceret ora ac oculos profluentes fumi densitate suffundi, hinc sacram praeferens lanceamtera, Jesulque ditto pingbulens emergentes omnipotentis evocavit auxilium em eos qui emiserant, ejus pietas tetri vaporis globum torcido* (Guiberto de Nogent, *Dei Gesta per Francos*, VIII, IX).

Em um primeiro momento, Guiberto defende a falsidade das relíquias que o imperador Aleixo I (1048-1118) possui, depois afirma a veracidade da Lança Sagrada, detalhando sua *inventio* e as provas que a confirmam, denigre a imagem daqueles que duvidaram da Lança, e falaram contra ela (ressaltando a crueldade da multidão que esquartejou Pedro Bartolomeu, e a indiferença de Fulquério sobre a fome dos cruzados em Antioquia). Nesse sentido notamos que, como em *De pigneribus sanctorum*, Guiberto não tem uma posição contrária a crença e ao culto das relíquias, em nenhum momento retira desses objetos seu aspecto sagrado. A abadia de Notre Dame de Nogent, à qual ele foi eleito em 1104, foi fundada sob a narrativa de um rei que trouxera de Jerusalém relíquias da Virgem Maria e dos apóstolos, e que provavelmente eram veneradas pelos monges.

O posicionamento de Guiberto se apresenta como uma aparente visão crítica a este culto. Em *De pigneribus sanctorum* o autor defende que a invenção de santos e relíquias tem como um dos motivos a intenção de alguns membros do clero em atrair para suas igrejas mais peregrinos, conquistando mais poder e riquezas (Guiberto de Nogent, *De pigneribus sanctorum*, III). Esses monges estavam se aproveitando da piedade do período, que havia aumentado fervorosamente seu interesse pela Terra Santa, e cuja devoção foi alimentada pela grande quantidade de relíquias que vinham de Jerusalém (Riley-Smith, 2019). Guiberto escreve este tratado sobre as relíquias aproximadamente quinze anos após a Primeira Cruzada, dando indícios de que a Europa estava realmente repleta de relíquias de todos os tipos. Por exemplo, neste tempo, à Jesus estavam atribuídas desde os fragmentos da cruz, os pregos, o feno da manjedoura, seu sangue, prepúcio,

cabelo, dente de leite (Nickel, 2007), sendo este último o assunto principal de *De pigneribus sanctorum*.

Henri Platelle (1999) vê em Guiberto uma atitude pastoral em relação ao culto das relíquias, pretendendo em seus escritos orientar as pessoas a refletirem sobre o que elas estavam venerando e seu sentido , talvez por esse motivo insiste em narrar as provas que confirmam a veracidade da Lança Sagrada. Poderíamos supor que Guiberto estaria propondo uma religião mais ascética e reflexiva. Ele estava inserido na cultura intelectual monástica, tinha as influências do pensamento filosófico de Santo Anselmo, era incutido das ideias da Reforma Gregoriana, de uma espiritualização da sociedade.

Na perspectiva guibertina, a Lança Sagrada foi um sinal da ação e auxílio divino durante a expedição. Se tornou uma prova de que Deus acompanhava e agia em favor dos francos, olhando para eles com piedade, livrando-os dos perigos. É interessante notar que um divino palpável em uma época repleta de incertezas e na qual a morte era uma realidade constante – tanto na Cruzada quanto no cotidiano –, uma relíquia significava para os fiéis o que Guiberto definiu como *pigneribus*, uma possibilidade de conforto, uma garantia da presença divina.

Jerusalém e todo a Terra Santa eram berços de relíquias, espaços nos quais se desenrolaram as cenas bíblicas e lugares que preservavam essa memória eram os destinos dos peregrinos e viajantes, logo, a Primeira Cruzada inaugura um novo contexto que "corroborou com este interesse" pelas relíquias e permitiu sua proliferação. As relíquias possuem um "papel mobilizador, ao lado do milenarismo, também impulsionando a busca pelos lugares que emanavam santidade" (Nascimento, 2018, p. 9-10). Estes objetos solidificaram "a espiritualidade das massas, favorecendo a criação de um complexo sistema, que tinha poder inclusive para ligar os vivos aos mortos [...] e aproximava o homem comum de se Deus" (Nascimento, 2019b, p. 149), essa perspectiva nos coloca diante de uma realidade clara no contexto medieval, de uma religião popular e de uma religião mais clerical/erudita. Não havia ainda um credo rigidamente uniforme e o cristianismo estava muito distante de "definir plenamente a sua dogmática" (Bloch, 2016, p. 101). Nesse sentido, a preocupação de Guiberto em refutar a veracidade de algumas relíquias é algumas vezes interpretada como resultado de uma dicotomia entre religião popular, e religião de elite (Dallali, 2010).

A partir do final do século XII há uma preocupação por parte de alguns clérigos em definir verdadeiros santos, verdadeiros milagres e verdadeiras relíquias (Platelle, 1999). Assim percebemos em Guiberto uma ideia de religião mais interior, expoente desse impulso de espiritualizar a sociedade, mas se preocupando de forma interessante às evidências históricas de certos aspectos da fé, como é o caso das relíquias. Pesquisas que se dedicam sobre estes fragmentos sagrados, revelam alguns elementos amplos da religiosidade medieval, os aspectos devocionais, as construções narrativas e iconográficas, os usos religiosos e políticos. Nos escritos de Guiberto de Nogent transparecem os tensionamentos entre autenticidade e fraude, entre

devoção, usos e abusos religiosos e políticos, questionamentos que parecem muito genuínos ao pensamento medieval deste período de proliferação de relíquias, pelo menos no contexto monástico.

O período das Cruzadas pode ser visto como um marco na descoberta e multiplicação de relíquias, no surgimento e redefinição dos espaços sagrados. A *inventio* da Lança e de outras relíquias, as narrativas a seu respeito, as disputas e suas representações demonstram que estes objetos se transformam ao longo do tempo, adquirindo novos sentidos; novos altares e lugares são construídos e santificados. Dentre essas transformações, um aspecto permanece para aqueles que as veneram, cultuam e até mesmo instrumentalizam: são *pigneribus*, penhores, sinais, provas ou garantias da presença, da ação e da legitimidade divinas. Não interessam aos historiadores a sua veracidade, autenticidade ou poderes sobrenaturais, interessam a nós os seus efeitos, o fenômeno de sua devoção, as consequências de sua veneração e instrumentalização.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **A sociedade feudal**. São Paulo, SP: Edipro, 2016.

CELTIC SCHOOL. **Crucifixion plaque**, Clonmacnoise, County Offaly, Viking Age [imagem]. Meisterdrucke.us. Disponível em: https://www.meisterdrucke.us/fine-art-prints/Celtic/273503/Crucifixion-plaque%2C-Clonmacnoise%2C-County-Offaly%2C-Viking-Age.html. Acesso em: 16 jun. 2025.

DALLALI, M. **Débat inexistant ou paroles persistantes: la théologie des reliques au Moyen Âge, autour du De pigneribus sanctorum de Guibert de Nogent**, 2010, 110 folhas. Dissertação (Mestrado). Département d'histoire - Faculté des Arts et Sciences. Universidade de Montréal, 2010.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas III. De Maomé à Idade das Reformas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOLETTI, Ivan; ROMAGNOLI, Manuela; LICCIOLI, Lucia; FEDI, Mariaelena; SACCUMAN, Roberto. Wiggle Matching Analysis of the Doors of Santa Sabina in Rome. **RIHA Journal**, n. 0204, 16 jan. 2019.

GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. **Opera omnia, [...] Gesta Dei per francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica).

GUIBERT DI NOGENT. **De pigneribus sanctorum: 1115-1119**. – Ed. Jacques Paul Migne. Paris, [s.n], 1853.

ITALIAN SCHOOL. **The crucifixion of Christ, tile from main entrance of cypress wood, Basilica of Santa Sabina**, Rome, 5th century [imagem]. Meisterdrucke.ie. Disponível em: https://www.meisterdrucke.ie/fine-art-prints/Italian-School/1101815/The-crucifixion-of-Christ%2C-tile-from-main-entrance-of-cypress-wood%2C-Basilica-of-Santa-Sabina%2C-Rome%2C-5th-century.html. Acesso em: 16 jun. 2025.

MEISTER DES RABULA-EVANGELIUMS. **Crucifixion from Rabula Gospel** [manuscrito iluminado]. Produzido em 586 d.C., no Monastério de São João de Beth Zagba, Síria. Florença: Biblioteca Medicea Laurenziana, cód. Plut. I, 56, fol. 13r. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Meister_des_Rabula-Evangeliums_002.jpg. Acesso em: 16 jun. 2025.

NASCIMENTO, R. C. S. Dos corpos santos à redistribuição dos ossos: a sacralidade aos pedaços. In: SOUZA, A. M. & NASCIMENTO, R. C. S. **Cultura, palavra e fé: narrativas e sacralidades no mundo ibérico.** Curitiba: Brazil Publishing, 2019a.

NASCIMENTO, R. C. S. Relíquias e peregrinações na Idade Média. In: SILVA, P. D; NASCIMENTO, R. C. S. (org.). **Ensaios de História Medieval: temas que se renovam**. Curitiba: CRV, 2019b.

NASCIMENTO, R. C. S. Viagens Reais e Imaginadas: dois olhares sobre a Terra Santa. **Revista de História Comparada (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 08-20, 2018.

NICKEL, J. **Relics of the Christ.** Lexington: University Press of Kentucky, 2007.

PLATELLE, H. Guibert de Nogent et le De pigneribus sanctorum. Richesses et limites d'une critique médiévale des reliques. In: Les reliques. Objets, cultes, symboles. **L'Anaïs de la Conférence internationale de Université du Littoral-Côte d'Opale** (Boulogne-sur-Mer) 4 - 6 de setembro de 1997, p. 109-121, 1999.

RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas: uma história**. Campinas: Ecclesiae, 2019.